

O PAPEL DA AVALIATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA POLÊMICA: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA DAS CARTAS DO LEITOR ACERCA DO FALECIMENTO DE HUGO CHÁVEZ

Paulo Roberto **GONÇALVES SEGUNDO***
Doutor em Filologia e Língua Portuguesa/USP
Docente FFLCH-USP

RESUMO: As cartas do leitor consistem em um gênero discursivo que instaura um espaço de debate público em âmbito midiático, consolidando o efeito de democracia visado pela grande imprensa ao mesmo tempo em que lhe permite mensurar a resposta do cidadão-consumidor em relação a suas pautas, abordagens e perspectivas. Na *Folha de S. Paulo*, tal “arena pública” possibilita a confrontação de posicionamentos acerca de uma diversidade de temas que cercam a realidade contemporânea. O objetivo deste artigo é mostrar de que forma os recursos do sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), em especial no que concerne à atitude e ao engajamento, contribuem para a instauração da polemicidade entre as diversas vozes autorais, construindo uma rede intervocálica coesa de perspectivas diante do falecimento do ex-presidente venezuelano, Hugo Chávez, em março de 2013. Tal abordagem, que está ligada a uma perspectiva sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) de linguagem, aplicada à análise discursiva (MATTHIESSEN, 2012), permitiu depreender três grandes posicionamentos autorais — o *exaltativo*, o *crítico* e o *tático* —, caracterizados por padrões distintos relativos à seleção de *afetos*, *juízos* e *apreciações*, por um lado, e de *expansão* e *contração dialógica*, por outro, além de associações diferenciadas, no plano metafórico, entre o corpo físico e os valores de Chávez, ora enfatizando sua segregação, ora destacando seu sincretismo.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliatividade. Polêmica. Cartas do leitor. Hugo Chávez. Linguística Sistêmico-Funcional.

Introdução

Charaudeau (2006, p. 21) propõe que as mídias de informação — imprensa, rádio e televisão — funcionem segundo uma dupla lógica:

[...] uma lógica *econômica* que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica *simbólica* que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. (CHARAUDEAU, 2006, p. 21)

* Endereço eletrônico: paulosegundo@usp.br

Essa dualidade é responsável pelo que o autor denomina “espetáculo de democracia” (CHARAUDEAU, 2006, p. 20), processo por meio do qual a informação torna-se, simultaneamente, um nicho de mercado, uma forma de construção social da realidade e um espetáculo de captação da audiência que ratifica e retifica determinados padrões de comportamento, valores, crenças e conhecimentos, tornando-os públicos e gerando efeitos de realidade.

Nesse sentido, as cartas do leitor consistem em um gênero que permite ao aparelho midiático, por um lado, contribuir para a consolidação do efeito de democracia, uma vez que se simula um espaço de debate público, e, por outro, mensurar a resposta do cidadão diante das representações da realidade construídas pelo periódico. Essa dupla potencialidade atua como fator relevante para que se assegurem a credibilidade e a autoridade do jornal no século XXI, período histórico em que a exponencialização do processo de *desmassificação dos meios* (MEYER, 2004) — alimentada pela penetração cada vez mais ampla da internet — viabiliza o consumo de informação e de opinião em fontes alternativas à imprensa, dentre as quais se destacam as redes sociais e os fóruns virtuais, que permitem uma confrontação simbólica direta, imediata e com reduzido cerceamento.

O objetivo deste artigo é, portanto, mostrar como se articula esse espaço de debate público viabilizado pelo gênero *carta do leitor* na grande imprensa paulista, tomando como temática o falecimento do ex-presidente venezuelano, Hugo Chávez, em março de 2013, de modo a se buscar deprender os padrões linguísticos envolvidos na avaliação da pessoa e do governo do “comandante”.

Para tal, utilizar-se-á do aparato sistêmico-funcional de análise, com especial atenção para o exame das opções linguísticas ligadas à Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), um sistema semântico-discursivo ligado à metafunção interpessoal da linguagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

O texto está organizado da seguinte forma: na próxima seção, expor-se-ão algumas noções fundamentais para a compreensão do gênero *carta do leitor*; posteriormente, realizar-se-á uma sucinta exposição teórica acerca da concepção sistêmico-funcional de linguagem e da Teoria da Avaliatividade; na sequência, comentar-se-á sobre a metodologia de pesquisa para, assim, analisar-se o *corpus* selecionado; por fim, tecer-se-ão considerações finais que sintetizam os padrões levantados.

O gênero *carta do leitor*

Bazerman (2005) afirma que o gênero *carta* remonta à Antiguidade Clássica e mostra que tanto a sociedade grega quanto a romana e a helênica já se valiam do gênero epistolar para a comunicação pública e privada.

Com a crescente interdependência entre nações e instituições, processo que torna as relações sociais, políticas, econômicas e culturais mais complexas, as cartas públicas passam a constituir-se em importantes gêneros de comunicação tanto entre as esferas de poder quanto entre o poder instituído e o cidadão, o que leva a uma proliferação de modelos textuais que consideram a diversidade funcional, os diferentes graus hierárquicos entre remetente e destinatários, a variabilidade temática, dentre outros fatores. Atualmente, as inovações tecnológicas pressionaram a constituição do gênero, aumentando sua carga multimodal e reduzindo a necessidade do papel como suporte, que vem sendo substituído pelas plataformas informáticas e virtuais.

O efeito das tecnologias, entretanto, foi mais forte nas cartas privadas, de foro íntimo, particular e pessoal. Nesses casos, o e-mail, o telefone e os comunicadores instantâneos de internet, como o *Skype*, o *WhatsApp*, dentre outros, possibilitam uma comunicação direta e imediata, com recursos que mimetizam o diálogo face a face, tornando-se, assim, meios privilegiados para a interações de proximidade comunicativa (OESTERREICHER, 1996; URBANO, 2006).

Na imprensa escrita atual, o espaço para a mobilização da voz do leitor tem se ampliado, com a possibilidade de notícias, reportagens, artigos e editoriais receberem comentários diretos do leitor, por meio do *site* do periódico. Apesar disso, os jornais ainda tendem a manter uma seção reservada para a publicação de cartas do leitor em seus cadernos principais.

Segundo Andrade (2013, p. 213), “a carta do leitor caracteriza-se no jornalismo contemporâneo por ser um gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar as ideias de seu enunciador e possibilitar a leitura do público geral”, contribuindo para o debate acerca da realidade política, social, cultural e econômica do país. Entretanto, sabe-se que tal participação é mediada pelo crivo editorial do jornal, que não somente seleciona aquilo que deve ser publicado, como também edita, em muitos casos, o conteúdo da própria carta.

Melo (2003) menciona que um dos grandes alvos dessas missivas consiste no Estado e destaca quatro grandes grupos de leitores que escrevem ao periódico: a. *as autoridades*, que buscam exaltar ou corrigir determinadas informações publicadas no veículo; b. *os perfeccionistas*, que exigem reparações do periódico quanto a possíveis erros ou omissões em reportagens ou notícias; c. *os lesados*, os quais denunciam dada realidade negativa ou se lamentam acerca de um determinado evento que os tenha prejudicado; d. *os anônimos*, que, sem identificar-se, buscam ter suas opiniões veiculadas no jornal.

Na grande imprensa, como na *Folha de S. Paulo*, predominam fundamentalmente os leitores que visam a instigar o debate público, posicionando-se argumentativa e valorativamente sobre algum tema polêmico da realidade, constituindo um quinto grupo, não mencionado por Melo (2003): os *autorrepresentados*. Além disso, como ressalta Andrade (2013), a *Folha* exige que, para ser publicada, a carta deva trazer a identificação do autor e ainda ressalva que ela pode ser resumida e editada por questões de clareza e/ou espaço. Por conseguinte, o discurso das missivas emerge como potencialmente coautorial.

No caso do *corpus* em análise, as cartas, que abrangem o falecimento do ex-presidente Hugo Chávez, oscilam entre o polo *exaltativo* e o *crítico*, tendo como eixo a análise da personalidade e do governo do político venezuelano. Conforme se mostrará na quarta seção, os textos pertinentes a cada um desses padrões negociativos apresentam preferências avaliativas e associações metafóricas opostas no que tange à relação entre o par efemeridade-eternização no que concerne ao corpo material e ao repertório ideológico de Chávez.

O arcabouço sistêmico-funcional e a Teoria da Avaliatividade

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) consiste em uma abordagem sociossemiótica da produção de significado que busca compreender a linguagem tanto em termos da configuração do sistema quanto em relação à organização discursivo-textual. Segundo Matthiessen (2009), a língua consiste em um sistema sociossemiótico de caráter dinâmico e aberto, orientando para a ação e para a reflexão, constituindo-se, assim, em um potencial de significado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que é atualizado, mediante coerções relativas ao contexto, em textos concretos. Tal definição tem consequências importantes e merece explicitação.

Tratar a língua como sistema implica, na concepção sistemicista, priorizar o paradigma, ou seja, “dar proeminência à escolha como principal forma de se produzirem

significados” (FIGUEIREDO, 2011, pp. 80-1). Nesse sentido, a opção por determinado recurso envolve a exclusão de uma alternativa e é nesse jogo de oposições que se podem apreender as particularidades de significado e a constituição da léxico-gramática.

Qualificar o sistema como sociossemiótico implica compreender que a linguagem consiste em um elemento integrante da vida social, ou seja, em uma rede de recursos de que os indivíduos se valem para construir significado em uma diversidade de contextos culturais — que envolvem gêneros, estilos, discursos e ideologias (FAIRCLOUGH, 2003) — e contextos situacionais — que envolvem a atividade localmente planejada, a configuração espaço-temporal, as relações entre os participantes, as diferenças de poder, a diversidade de suportes e as condições físicas da comunicação.¹ Tais contextos são vistos como filtros da atividade discursiva humana, agindo, portanto, como elementos tanto de coerção — dado seu teor limitador — quanto de facilitação — dado seu caráter mais ou menos esquemático — da produção de sentido.

Ao atribuir as propriedades de *dinamicidade* e de *abertura* à língua, Matthiessen (2009) visa a destacar dois aspectos complementares da relação entre o uso e o sistema. Em primeiro lugar, o seu teor dialético, ou seja, o fato de que o sistema viabiliza as possibilidades de uso, ao mesmo tempo em que este mantém aquele sempre em relativa estabilidade, pressionando-lhe centrípeta e centrifugamente. Nesse sentido, não se concebe uma dicotomia entre texto e língua, mas sim, um *continuum* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Ademais, como a produção linguística é sempre contextualizada, as mudanças emergem de respostas encontradas pelos atores sociais em relação às demandas comunicativas e, em consequência disso, as novas opções que emergem são adaptadas à configuração paradigmática de organização dos diversos componentes linguísticos.

Por fim, ao considerar que o sistema é orientado para a ação e para a reflexão, a LSF propõe que haja duas grandes funções que organizam a linguagem: a metafunção *interpessoal* e a metafunção *ideacional*. A metafunção *interpessoal* está relacionada à língua como *ação*, ou seja, com o potencial do sistema de prover recursos para o estabelecimento de relações sociais e para a interação entre os agentes para a continuidade da práxis, ao passo que a metafunção *ideacional*² está ligada à língua como *reflexão*, isto é, com seu potencial de

¹ Tais fatores elencados correspondem, grosso modo, às categorias propostas pela teoria para a compreensão do contexto situacional: *campo*, *relações* e *modo*. Para maiores detalhes, consultar Hasan (2009), Gouveia (2009), Gonçalves Segundo (2011).

² A metafunção ideacional é subdividida em experiencial e lógica. Na explanação em questão, enfatiza-se o aspecto experiencial, que diz respeito à categorização da realidade e a aspectos concernentes à representação social. Para maiores detalhes sobre a função lógica, ver Halliday (2004), Figueiredo, Araújo e Pagano (2008).

viabilizar a construção da experiência interna e externa humana, por meio da categorização da realidade. A essas, soma-se uma terceira função — a *textual* —, cujo papel é, segundo Taverniers (2005), criar tessitura e relevância, concatenando os recursos das duas funções anteriores na construção de um texto coeso, coerente, temática e informativamente pertinente.

Assim, diferente de um grande número de abordagens funcionalistas, a vertente sistêmico-funcional, apesar de assumir a léxico-gramática como o grande motor da língua, “toma o texto em vez da sentença como objeto, o que significa que ele consiste em uma unidade semântica, e não, gramatical” (GONZAGA, 2011, p. 04)³.

A Teoria da Avaliatividade, discutida por Martin e White (2005, p. 01), insere-se no âmbito da metafunção interpessoal da linguagem e apresenta a proposta de um sistema semântico-discursivo, realizado léxico-gramaticalmente, para analisar

[...] a presença subjetiva dos escritores/falantes nos textos no que tange à adoção de posicionamentos relativos tanto ao material que apresentam quanto àqueles com quem se comunicam [...] Concerne à construção, por textos, de comunidades de sentimentos e de valores compartilhados, e aos mecanismos linguísticos atualizados para compartilhar emoções, gostos e avaliações normativas. A abordagem abarca também o modo pelo qual falantes/escritores constroem para si mesmos identidades autorais particulares ou personas, a maneira pelo qual se alinham ou desalinham em relação a respondentes reais ou potenciais e a forma pela qual constroem em seus textos uma audiência visada ou ideal⁴. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 01)

São três os subsistemas que integram a análise do componente avaliativo: a *atitude*, o *engajamento* e a *gradação*. Neste trabalho, focar-se-ão os dois primeiros⁵.

A *atitude* consiste no subsistema valorativo que possibilita a instanciação de avaliações afetivas, comportamentais, estéticas e utilitárias, o que corresponde, em termos gerais, aos campos de *afeto*, *juízo* e *apreciação*.

Toda *atitude* pode ser explicitamente inscrita no texto ou pode ser invocada, isto é, ativada implicitamente por meio de pistas ligadas a uma dada construção linguística. Além disso, *afetos*, *juízos* e *apreciações* são intrinsecamente graduáveis e assumem polaridade positiva, negativa ou neutra, considerando-se tanto a representação textual e sua relação com o leitor ideal quanto a comunidade discursiva que produz e consome o texto. Segue um exemplo.

³ Tradução minha.

⁴ Tradução minha.

⁵ Para reflexões sobre o subsistema de *gradação* em língua portuguesa, ver Vian Jr. (2009).

Em um contexto de sala de aula, alguém dizer *João sempre responde a tudo que o professor pergunta* pode invocar, pelo menos, duas espécies de *juízo*: 1. *João é participativo*, uma avaliação positiva de comportamento, baseada num ideal contemporâneo de aluno, que preconiza a interação contínua e bidirecional entre docente e discente; ou 2. *João é impertinente*, uma avaliação negativa, derivada do fato de o aluno não possibilitar que outros colegas também interajam com o professor. Vê-se, portanto, que a ativação de uma *atitude* implícita está diretamente relacionada aos pontos de vistas do falante e do ouvinte diante da realidade enunciada e do contexto situacional em que se processa a interação.

A realização léxico-gramatical prototípica da *atitude* são as formas adjetivais; entretanto, é possível que verbos, advérbios e substantivos também inscrevam tais avaliações.

O campo do *afeto* consiste no domínio mais fértil de variabilidade estrutural, indo de verbos, como *chorar*, passando por substantivos, como *indignação*, e chegando a advérbios e adjetivos, como *ansiosamente* e *amedrontado*. *Afetos* dizem respeito a reações emocionais resultantes da interação com um *Gatilho* e podem ser subdivididos em opções de *(in)felicidade*, *(in)satisfação*, *(in)segurança* e *(in)desejabilidade*.

O domínio dos *juízos* é marcado, especialmente, por adjetivos, embora, conforme se mostrou anteriormente, eles possam ser ativados implicitamente, assim como qualquer outra opção de *atitude*. Há dois grandes grupos: a *estima* e a *sanção social*. O primeiro incorpora as opções de *normalidade*, *capacidade* e *tenacidade* e está relacionado aos valores com os quais os atores sociais travam contato durante sua integração social mais básica; em outros termos, trata-se de avaliações comportamentais ligadas à personalidade, o que envolve a cultura oral, não estando codificadas, portanto, em normas e regulamentos, passíveis de punição institucional, como é o caso dos recursos do segundo grupo — a *sanção social* —, inseridos no âmbito da cultura da escrituralidade (OESTERREICHER, 1996). Tais *juízos* abarcam as opções de *honestidade* e *propriedade*.

Por fim, a *apreciação* abarca, por um lado, as avaliações estéticas, ligadas à *composição* dos objetos semióticos e à *reação* potencialmente provocada por eles⁶, e, por outro, as avaliações utilitárias, ligadas ao *valor social* dos fenômenos sociais e semióticos, o que inclui valores de importância, eficiência, utilidade, risco, perigo, dentre outros.

De modo geral, há uma escalaridade crescente no envolvimento autoral e na sinalização de subjetividade que se inicia nas *apreciações*, passando pelos *juízos*, até

⁶ As *apreciações de reação* diferem dos *afetos*, pois, naquelas, o potencial impacto é atribuído ao objeto semiótico, como em *o livro é fascinante*, ao passo que, nestes, a reação afetiva é atribuída ao Experienciador, dada sua interação com o Fenômeno/Gatilho, como em *o livro me fascinou*.

chegar nos *afetos*. O grau de instanciação de atitudes está diretamente relacionado ao parâmetro contextual das *relações*, ao *gênero discursivo* e a fatores *identitários*.

O segundo componente da Avaliatividade consiste no *engajamento*. De acordo com Ninin e Barbara (2013, p. 129), o estudo desse subsistema

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto. (NININ; BARBARA, 2013, p. 129)

As duas opções iniciais consistem na *monoglossia* e na *heteroglossia*. Construções *monoglóssicas* consistem naquelas em que se simula a anulação do dialogismo constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 1981), por bloquear alternativas de concepção de realidade, criando, assim, um efeito de verdade que pretende inviabilizar o questionamento, conforme se observa em *Hugo Chávez honrou os anseios do seu povo*. Segundo Ninin e Barbara (2013, p. 132), “proposições, declaradas de modo absoluto, são tratadas como certas, indiscutíveis, ou como não-problemáticas, baseadas em conhecimento consensual⁷, em fatos, eventos conhecidos e aceitos pela comunidade discursiva”.

A *heteroglossia* ocorre quando a voz autoral abre espaço para alternativas dialógicas, tanto no que tange à incorporação explícita de vozes externas, por discurso relatado direto ou indireto, quanto no que concerne à relação entre o dito e as vozes discordantes e concordantes, ativadas por marcas linguísticas, como em *Hugo Chávez deve ter honrado os anseios do seu povo*. É possível verificar, nesse caso, que a voz autoral abre tanto a possibilidade do ex-presidente ter honrado os anseios do povo quanto de não tê-lo feito e, embora haja maior investimento interpessoal na alternativa positiva, a negativa ainda é reconhecida.

Nas construções em que as alternativas dialógicas são respeitadas, aceitas, ponderadas e, portanto, não rejeitadas — parcial ou totalmente — tem-se *expansão dialógica*. Nas instâncias em que há anulação total ou parcial, ocorre *contração dialógica*. O quadro abaixo resume as principais opções da *heteroglossia*:

Quadro 1. Opções paradigmáticas de *engajamento: heteroglossia* (baseado em MARTIN E WHITE, 2005)⁸

⁷ Deve-se ressaltar que não se trata de conhecimento consensual de fato, mas da simulação de consenso e de facticidade. Em outros termos, trata-se de um efeito de verdade ativado pelos recursos linguísticos selecionados.

⁸ Algumas categorias apresentam uma dupla denominação: X/Y. A primeira designação segue a tradução sugerida em White (2004); a segunda segue a proposta de Ninin e Barbara (2013). Nas análises, utilizarei sempre a denominação dupla. Urge que os pesquisadores em sistêmico-funcional no país cheguem a consensos em relação à tradução dos termos ligados à Avaliatividade para evitar essas discrepâncias.

Expansão Dialógica: aceitação da validade ou reconhecimento da plausibilidade de alternativas dialógicas.	Consideração/Ponderação: reconhece a possibilidade de alternativas dialógicas. Ex: formas modais e evidenciais.
	Atribuição: discurso relatado direto ou indireto. a. Reconhecimento: a voz autoral relata, de forma neutra, a alternativa dialógica. Ex.: verbos <i>dizer, falar, comentar</i> . b. Distanciamento: voz autoral não valida o discurso relatado. Ex.: verbos <i>alegar, ouvir dizer</i> .
Contração Dialógica: rejeição parcial ou total de alternativas dialógicas.	Refutação/Contraoposição: anula alternativas dialógicas. a. Negação b. Contra-expectativa. Ex.: operadores concessivos e adversativos.
	Declaração/Proposição: rejeição parcial de alternativas dialógicas. a. Concordância/Expectativa confirmada: constrói leitor/ouvinte que partilha da posição autoral. Ex.: expressões como <i>É óbvio que, evidentemente</i> . b. Afirmação/Pronunciamento: constrói leitor/ouvinte como portador de um posicionamento em polemicidade com o autoral. Ex.: Expressões como <i>A verdade é que, O fato é que</i> . c. Endosso: forma de discurso relatado em que a voz autoral valida e ratifica o discurso de outrem. Ex.: verbos <i>mostrar, provar</i> .

Isso posto, passa-se às considerações metodológicas acerca do exame das cartas do leitor sobre o falecimento do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez na *Folha de S. Paulo*.

Considerações metodológicas

Para a realização desta pesquisa, foram coletadas todas as cartas do leitor — um total de 18 exemplares — publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os dias 06 e 11 de março de 2013, ou seja, nos dias que se sucederam ao falecimento do ex-presidente venezuelano.

O *corpus* foi integrado ao *software UAM Corpus Tool*, por meio do qual foram realizadas análises de caráter quantitativo que envolviam como parâmetro documental — aplicados a textos inteiros — os posicionamentos negociativos autorais diante da morte de Chávez. Propuseram-se três possibilidades, a partir de uma análise qualitativa prévia: os textos pró-Chávez, aos quais se denominaram *exaltativos*; os anti-Chávez, rotulados *críticos*; e aqueles que assumiam um posicionamento nem favorável nem desfavorável, tendendo a tratar de temas ligados ao contexto político ou à cobertura do jornal sobre o fato, aos quais se atribuiu a designação *táticos*.

Cada texto foi, então, analisado a partir dos parâmetros de atitude e engajamento, a fim de se depreender se havia padrões linguístico-discursivos proeminentes a cada um dos posicionamentos autorais. Optou-se por realizar, no que tange às macrocategorias *atitude* [afeto; julgamento; apreciação] e *engajamento* [contração dialógica; expansão dialógica], um levantamento estatístico de ordem global, considerando o total de ocorrências de cada

parâmetro como 100%, de forma que é ao somatório de instâncias ligadas aos posicionamentos *exaltativo*, *depreciativo* e *tático* que corresponde o total absoluto de unidades de cada componente. No que se refere às microcategorias, ou seja, aos subtipos de *afeto*, *juízo*, *apreciação*, *contração* e *expansão dialógica*, decidiu-se realizar uma contagem local, de forma que consistem em 100% apenas as ocorrências de cada um desses componentes no seio de um posicionamento específico. Assim, seria possível definir que subcategoria se destacaria no interior de cada parâmetro documental individualmente.

Isso posto, pôde-se depreender padrões relevantes e, posteriormente, realizar análises qualitativas de exemplares textuais centrais para a compreensão da diversidade intervocálica que marca o posicionamento dos leitores da *Folha* sobre o regime Chávez.

Análise do corpus

As cartas exaltativas

A tabela abaixo expõe os resultados referentes à análise quantitativa dos textos que exaltam a figura e/ou o governo do ex-presidente Hugo Chávez:

Tabela 1. Resultados referentes à análise quantitativa das cartas de exaltação

	Número absoluto	Percentual Global Aproximado	Prevalência
Atitude	25/89	28%	Polaridade Positiva
Afeto	5/14	36%	Infelicidade
Julgamento	18/54	33%	Propriedade e Tenacidade
Apreciação	2/21	10%	
Expansão Dialógica	2/14	14%	
Contração Dialógica	7/24	29%	Contra-expectativa

É possível notar, inicialmente, a prevalência de atitudes positivas — como era esperado de textos de *exaltação*. Além disso, destacam-se, no âmbito dos *juízos*, os valores de *propriedade*, relativos ao comportamento ético e moral, e de *tenacidade*, referentes à determinação dos atores sociais, além de, no campo dos *afetos*, prevalecer a *infelicidade*, valor decorrente do estado de luto construído pelos missivistas nos textos. A *contra-expectativa*, por sua vez, deriva da contraposição do declínio material em face da continuidade da doutrina.

Os textos a seguir ilustram esse tipo de posicionamento e permitem evidenciar os aspectos apontados pela análise quantitativa:

(1)

O homem morre, mas seus ideais não. Hugo Chávez honrou os anseios de seu povo, passou da vida de lutas e de engajamento voltado ao patriotismo febril bolivariano para a história como não apenas um presidente dos pobres, mas também como um carismático defensor e um bravo soldado, protetor vigilante das causas de seu país e de todo um contexto latino-americano. (C.B., Curitiba, 06 mar. 2013)

(2)

A esquerda do mundo todo está de luto e órfã com a morte de Hugo Chávez, um de seus principais ícones. Cumprimento a Folha pelo encarte especial dedicado a um dos mais influentes e polêmicos líderes latino-americanos, que, graças aos recursos obtidos com o boom do petróleo, fez uma verdadeira revolução social na Venezuela. Adeus, comandante! (G. T. S. A., Itapeva, 07 mar. 2013)

A primeira missiva apresenta, logo em seu primeiro complexo oracional, uma estrutura de *refutação/contraposição*, no âmbito da *contra-expectativa*, conforme se observa em *O homem morre, mas seus ideais não*. Veja-se que, embora a construção abra a alternativa dialógica de que *os ideais morrem junto com o homem*, essa concepção de realidade é anulada em favor de uma versão que cinde essa correlação. Trata-se de um dos aspectos centrais da representação que subjaz aos discursos de exaltação de Chávez — a perenidade do corpo doutrinário e dos ideais a despeito da finitude do corpo físico e da materialização orgânica.

A voz autoral invoca *juízos de propriedade* positivos, no campo da *ética* e da *moralidade*, para explicitar o engajamento do governante com o povo e com os pobres. A estrutura correlata *não só... mas também* gera, por um lado, *concordância/expectativa confirmada* — ao inserir o atributo *um presidente dos pobres* no campo do dado, daquilo que já é do conhecimento partilhado, criando um leitor que potencialmente concorda com tal posicionamento — e, por outro, *contra-expectativa*, acrescentando atributos, vistos como novos, de forma a exacerbar o quadro de louvor à figura do ex-presidente.

Note-se que os valores da apódose⁹ correlativa, responsável pela postura de louvor mencionada, enfatizam a *tenacidade* e encontram-se sincretizados a núcleos nominais do campo semântico militar/bélico — *carismático defensor, bravo soldado, protetor vigilante* —, cujo caráter ofensivo é desfocado em detrimento dos aspectos inerentes à defesa. Consequentemente, Chávez é construído como um ator social capaz de blindar seu país — *e todo um continente latino-americano*, estendendo seu poder de influência — contra possíveis ameaças externas não mencionadas explicitamente.

Entretanto, tais ameaças podem ser recuperadas, por um conjunto de leitores da *Folha*, por meio da ativação do *frame* político ligado ao *bolivarianismo*. Segundo Seabra (2010, p. 212), “a referência ao legado bolivariano pode realizar-se tanto através da adoção a-histórica,

⁹ Denomina-se prótase a estrutura sintagmática ou oracional sob o escopo do primeiro elemento do par correlativo, e apódose, a estrutura escopada pelo segundo elemento do par.

envolta na simples admiração e exaltação, como também na adoção historicamente reexaminada, na atualização de seu projeto emancipatório”. No primeiro, tem-se o culto a Simon Bolívar; no segundo, um programa sociopolítico calcado em sua atuação histórica.

O culto teria surgido a partir da necessidade de se restabelecer o domínio sobre a estrutura político-econômica venezuelana — ideal também compartilhado pela classe dominante do país à época — após a abolição da Monarquia e da ruptura com a estrutura colonial que resultou em guerra civil e inúmeros problemas sociais.

O programa, por sua vez, ter-se-ia calcado na compreensão de Bolívar sobre a necessidade de que diversos grupos sociais se unissem para a consolidação da soberania e da plena independência venezuelana, em um esforço de resistência contra o imperialismo estadunidense. Seabra (2010, p. 212) vai além e afirma que “o bolivarianismo se fundamenta no resgate e na continuidade do projeto de emancipação venezuelana das oligarquias político-econômicas que reproduzem a estrutura dependente, contra a subordinação do país à influências dos agentes do imperialismo e a distribuição radical do poder político”.

Assim, a ameaça externa ao país consiste no imperialismo das grandes potências e no capitalismo neoliberal, cujo protótipo, em termos de senso comum, é atualizado pelos EUA. As causas a serem defendidas são, portanto, aquilo que Seabra (2010) afirma — o resgate da emancipação e do equilíbrio econômico, político e social do país. Veja-se que é a essa atitude que a voz autoral qualifica como *patriotismo febril bolivariano*, atualizando um valor que sincretiza *tenacidade e propriedade*.

A segunda carta, por sua vez, inicia-se pela inscrição de reações *afetivas* de *infelicidade*, vivenciadas pelo Experienciador *A esquerda* — uma metonímia (FERRARI, 2011) de um grupo de pessoas que se identifica com essa posição política — e ativadas pelo Gatilho *a morte de Hugo Chávez*, conforme se pode observar: *A esquerda do mundo todo está de luto e órfã com a morte de Hugo Chávez*.

O termo *órfã*, que acentua a *infelicidade* assinalada pelo sintagma preposicionado *de luto*, aponta para o aspecto de proteção construído na missiva anterior; entretanto, trata-se no caso de uma metáfora do campo familiar: Hugo Chávez está para esquerda como um pai está para o filho. Nesse sentido, tem-se a seguinte metáfora conceptual (GRADY, 2007; LAKOFF E JOHNSON, 1980): relações políticas são relações familiares. Ademais, destaca-se a construção do aposto *um de seus principais ícones* ao nome *Hugo Chávez*, responsável por ativar uma *apreciação* de *valor social* que destaca o político no rol da esquerda e justifica a metáfora elaborada.

Neste texto, deve-se também mencionar o elogio ao trabalho do jornal na cobertura do acontecimento como um todo. Cartas do leitor frequentemente remetem ao conteúdo do jornal para apontar seus aspectos positivos e negativos. No caso, o louvor à ação de publicar um caderno especial sobre Chávez abre espaço para a instanciação de uma série de avaliações positivas sobre o ex-presidente, invocando uma valor de *propriedade positiva* por meio da construção *fez uma verdadeira revolução social na Venezuela*. Tal oração, cujo Ator é o próprio ex-presidente, abre a alternativa de que existem outras revoluções sociais, mas destaca a venezuelana como protótipo e, por conseguinte, como modelo a ser seguido. A despedida — *Adeus, comandante!* —, atualizada no final da carta, reinstaura o campo semântico militar, remetendo a um dos epítetos pelos quais o ex-presidente era conhecido, e reconhece o término do corpo material — mas não da causa ou dos impactos sociais da sua atuação, fazendo eco às diversas vozes que louvam a postura e o governo chavista.

As cartas críticas

A tabela abaixo expõe os resultados da análise quantitativa dos textos de teor crítico:

Tabela 2. Resultados referentes à análise quantitativa das cartas críticas

	Número absoluto	Percentual Global Aproximado	Prevalência
Atitude	41/89	46%	Polaridade Negativa
Afeto	5/14	36%	Felicidade
Julgamento	23/54	43%	Incapacidade e Improriedade
Apreciação	13/21	62%	Valor Social
Expansão Dialógica	6/14	43%	
Contração Dialógica	12/24	50%	Negação

De modo igualmente esperado, a *polaridade negativa* impera, com cerca de 73% das ocorrências das *atitudes* instanciadas nesse posicionamento autoral. De modo oposto aos textos *exaltativos*, predominam, neste grupo, os *afetos* de *felicidade*, apesar da temática de falecimento, que tende a ofuscar, por questões de polidez, esse tipo de manifestação. Os *juízos* enfatizam a *impropriedade*, ressaltando o caráter ditatorial do ex-governante, e a *incapacidade*, destacando a situação econômica supostamente precária vigente na Venezuela, que seria decorrente do seu governo. As *apreciações* são em número expressivo e, em geral, relacionam-se à ineficácia e ineficiência do seu governo, além dos perigos do populismo e do bolivarianismo.

Seguem abaixo dois exemplos, dos quais se enfatizará o primeiro:

(3)

Chávez se foi e, com certeza, não fará falta, nem para a Venezuela, nem para a América Latina. Ficamos livres da materialização do populismo medíocre, que tentava, a todo custo, acabar com a paz de um continente já tão castigado pelas figuras dos caudilhos -que, com forte retórica, conseguem influenciar pessoas que acreditam encontrar, nesses seres nefastos, a figura de um salvador. Acho que seria muito melhor para o governo brasileiro, em vez de ficar tecendo comentários elogiosos à figura do ditador bolivariano, chorar a morte de um grande artista brasileiro, que, por meio de sua música, trouxe alegria e bons momentos para o povo brasileiro. Vai com Deus, Chorão! (P. G. S., Brasília, 07 mar. 2013)

(4)

Não duvido que o embalsamamento do presidente Hugo Chávez seja a concretização de um pedido seu. Deixar para trás o poder extremo é difícil e inadmissível para quem se sente o próprio Deus. Junta-se a esse pavor de ser esquecido a obsessão ou o amor pela causa que também não se pretende esquecida. Exposto em museu, será sempre idolatrado. (M. M., São Paulo, 10 mar. 2013)

O primeiro complexo oracional da missiva (3) inicia-se com uma oração *monoglóssica* que constrói como incontestável o falecimento de Chávez, fato de conhecimento comum e tematizado ao longo da semana. Na sequência, entretanto, diferente do que se discutiu até o momento, a voz autoral irá assumir um posicionamento de condenação no que se refere tanto a seu governo quanto à sua personalidade.

O recurso adverbial *com certeza* marca um alto comprometimento autoral diante da *negação* que se segue, sinalizando um esforço de impor sua visão de mundo para um público que não necessariamente concorda, conforme se pode depreender da construção — *com certeza, não fará falta, nem para a Venezuela, nem para a América Latina*. A *contração dialógica* é, portanto, dupla, e anula as alternativas de que Chávez faria falta tanto para seu país quanto para o continente. Nesse sentido, tem-se uma voz autoral que polemiza com um discurso outro que apoia o comportamento do ex-governante.

É relevante assinalar a construção da figura de Chávez como a concretização de um corpo doutrinário, semelhante ao que se observa nas cartas *exaltativas*. Entretanto, neste caso, tem-se uma sobreposição entre a morte física e o definhar do conjunto de ideais, conforme se pode depreender tanto na sequência dessa missiva — *Ficamos livres da materialização do populismo medíocre*, na qual a voz autoral inscreve uma reação afetiva de *felicidade* — quanto em excertos da missiva (4) — *Não duvido que o embalsamamento do presidente Hugo Chávez seja a concretização de um pedido seu [...] Exposto em museu, será sempre idolatrado*.

As duas construções convergem para uma correlação entre o plano abstrato das causas, dos ideais e da doutrina e o domínio concreto do corpo físico-material. Na carta (3), enfoca-se o fim concomitante de ambos os componentes; na (4), por sua vez, enfatiza-se a tentativa de, pela manutenção do corpo, sustentar a ideologia, em uma construção que concebe Chávez

como um ator social que almeja um estatuto divino; em outros termos, seria pela idolatria que a causa se manteria. Assim, parece haver, nas missivas, o seguinte padrão associativo: enquanto nos textos *exaltativos*, o fim do corpo não significa o fim da causa ou, ainda melhor, os ideais superam a materialidade do corpo de seu defensor; nos textos *críticos*, o fim do corpo simboliza o definhamento da causa, a ideologia que morre com seu materializador.

Além disso, no texto (3), o escritor ainda invoca *juízos negativos de propriedade* que contribuem para a construção de um presidente dissimulado, autoritário e, portanto, indigno de compaixão — [...] *tentava, a todo custo, acabar com a paz [...]; seres nefastos; [...] conseguem influenciar pessoas que acreditam encontrar [...] a figura de um salvador*. O lexema *ditador*, que assume, na cultura brasileira, conotação negativa, é explicitamente inscrito para condenar a postura do governo brasileiro em exaltar Chávez.

A voz autoral, então, reenquadra o discurso de luto para o cantor e compositor Chorão, falecido na mesma época, transferindo a ele as reações afetivas de *infelicidade e felicidade* — [...] *chorar a morte de um grande artista brasileiro que, por meio de sua música, trouxe alegria e bons momentos para o povo brasileiro*. É importante apontar, também, que, diferente do que ocorre na missiva (2), a voz autoral despede-se de Chorão, e não, de Chávez, o que aponta para a realização de despedidas com foco no ator social cuja perda se torna gatilho de *infelicidade*.

As cartas táticas

A tabela abaixo expõe os números relativos ao último posicionamento autoral atualizado nas cartas relativas ao falecimento de Hugo Chávez — o *tático*:

Tabela 3. Resultados referentes à análise quantitativa das cartas táticas

	Número absoluto	Percentual Global Aproximado	Prevalência
Atitude	23/89	26%	
Afeto	4/14	28%	Segurança
Julgamento	13/54	24%	Propriedade
Apreciação	6/21	29%	Valor Social
Expansão Dialógica	6/14	43%	Consideração
Contração Dialógica	5/24	21%	

O equilíbrio de polaridade — 48% positivo x 52% negativo na contagem local das *atitudes* — não é necessariamente esperado no caso de textos táticos, mas reflete justamente uma estratégia autoral de abordar, de forma mais contida, prós e contras do governo Chávez e de sua personalidade. Note-se que os afetos que prevalecem situam-se no âmbito da

segurança, relativa ao futuro do país. A *propriedade* continua sendo o principal valor comportamental. O que é relevante, entretanto, é a alta atualização de *expansão dialógica*, essa sim, fortemente atrelada ao fator posicionamento, na medida em que a aceitabilidade de posições alternativas está mais diretamente relacionada a posturas autorais de menor polemicidade, que não enfatizam nem a construção de um modelo, nem de um anti-modelo.

Segue abaixo um exemplar para análise:

(5)

Passados os momentos de condolências pela morte de Chávez, torna-se imprescindível que seja obedecida a ordem constitucional, isto é, que sejam convocadas eleições presidenciais no prazo máximo de 30 dias. Isso é o mais importante. Na área econômica, há necessidade de medidas contra o aumento da inflação e pela diminuição da superdependência do petróleo. Em relação ao Mercosul, vejo com certo otimismo a expansão de negócios com o Brasil, principalmente considerando-se o poder de compra do mercado venezuelano. (J. O. G. A., Belo Horizonte, 8 mar. 2013)

Em primeiro lugar, deve-se destacar que a voz autoral se vale de *apreciações de valor social* — *imprescindível e importante* — e de *afetos de segurança* — *com certo otimismo* — para construir um quadro de medidas que devem ser aplicadas à Venezuela e para levantar um conjunto de hipóteses relativas ao futuro provável do país.

Não há, como nos outros textos, *juízos* que enfatizam o caráter do ex-presidente ou seu governo. A construção autoral tende a uma maior impessoalidade, o que é marcado por passivas — *é imprescindível que seja obedecida a ordem constitucional, ou seja, que sejam convocadas eleições presidenciais* —, pelo verbo *haver* e pela abundância de nominalizações — *há necessidade de medidas contra o aumento da inflação e pela diminuição da superdependência do petróleo*. Note-se que, em ambos os casos, a voz autoral se vale dessas estruturas para construir modalizações explícitas e objetivas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), que matizam o envolvimento autoral no quadro de imposições inerente à modalidade deôntica.

Por fim, note-se que a forma verbal *vejo* consiste em um marcador evidencial que constrói *expansão dialógica*, no âmbito da *consideração/ponderação*, assinalando que se trata de uma alternativa de concepção de realidade. Destaca-se, no caso, a presença do recurso de gradação *certo*, que relativiza ainda mais o comprometimento autoral diante do *afeto de otimismo*, responsável, no caso, pela avaliação das relações comerciais entre Brasil e Venezuela.

Assim, é possível verificar como, diferente dos posicionamentos anteriores, os textos *táticos* primam por abordar não diretamente o falecimento de Hugo Chávez e seu comportamento, mas a conjuntura socioeconômica que cerca o acontecimento, propondo uma

análise do contexto vigente. Trata-se, portanto, de um tipo diferenciado de leitor — aquele que busca opinar e contribuir para o debate público a partir de seu posicionamento em uma área de sua *expertise*, mesclando, de forma mais intensa, opinião e informação.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar o papel da avaliatividade na configuração de posicionamentos autorais diferenciados no que tange à representação discursiva do falecimento do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez nas cartas de leitor publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* nos dias que se seguiram ao acontecimento. A análise revelou a presença de três principais posicionamentos — o *exaltativo*, o *crítico* e o *tático* —, cada qual com uma ênfase avaliativa distinta.

Nos textos *exaltativos*, os missivistas destacaram, de modo geral, a ética e a tenacidade de Chávez, utilizando-se de lexemas do campo militar para destacar o aspecto de defesa dos interesses nacionais e latinos. O ex-presidente é construído como um defensor e um revolucionário: suas ações levam a benesses sociais, e seus ideais têm potencial de superar sua morte. Nesse sentido, há uma segregação entre o corpo físico e corpo ideológico. Ademais, o bolivarianismo é visto como um movimento de resistência ao imperialismo americano, e Chávez é construído como símbolo positivo dessa resistência. Por fim, valores de *infelicidade* são instanciados para sinalizar o estado emocional negativo oriundo do luto pela morte do comandante.

Nos textos *críticos*, por sua vez, as vozes autorais valorizaram a impropriedade e incapacidade do presidente. O bolivarianismo é associado a populismo e meio de manipulação de massa e os termos do campo militar exaltam o totalitarismo e a violência. Em consequência disso, seus ideais e suas ações representam e instanciam atraso. O corpo físico e o corpo ideológico são sincretizados, de modo que se espera que o sucumbir do primeiro leve ao definimento do segundo. Os *afetos* privilegiados são de *felicidade*, invocando um clima de celebração pelo fim de um *modus operandi* visto como retrógrado no continente latino-americano.

Por fim, nos textos *táticos*, os produtores textuais instanciaram, predominantemente, *apreciações* de valor social, relegando julgamentos negativos ou positivos a segundo plano e abordando tópicos discursivos mais amplos, como a situação da Venezuela ou a cobertura da

Folha sobre o falecimento do presidente. Os valores de *segurança* foram privilegiados em relação aos de *felicidade*, dado que se enfocaram as consequências sociopolíticas decorrentes do “fim de uma era” no país.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Comunicação e opinião do leitor: a interação social na correspondência publicada na imprensa paulistana. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (org.) *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. DIONÍSIO, Ângela Paiva e HOFFNAGEL, Judith Chambliss (orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FIGUEREDO, Giacomo; ARAÚJO, Cristiano; PAGANO, Adriana. Principles underlying the experiential and the logical structures of the nominal group in Portuguese. In: STEINER, Erich e NEUMANN, Stella (orgs.) *Proceedings of the 19th European Systemic Functional Linguistics Conference and Workshop*, Saarbrücken, 2008. Disponível em: http://scidok.sulb.unisaarland.de/volltexte/2008/1686/pdf/Figueredo_Ara_jo_Pagano_form.pdf, Acesso em 08 mai. 2014.

FIGUEIREDO, Giacomo Patrocínio. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. 385p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, 2011.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. *Tradição, estabilidade e dinamicidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). 447p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 2011.

GONZAGA, Jair João. *Intricate Cases in Clauses in SFG concerning the Grammar of Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras/Inglês). 263p. Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, 2011.

GOUVEIA, Carlos. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, v. 16, n. 24, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009, pp. 13-47.

GRADY, Joseph. Metaphor. In: GEERAETS, D.; CUYCKENS, H. (org.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007, pp. 188-213.

HALLIDAY, Michael e MATTHIESSEN, Christian. *Introduction to Functional Grammar*. 3ª ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HASAN, Rusqaiya. The place of context in a systemic functional model. In: Halliday, Michael; Webster, Jonathan (org.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2009, pp. 166-189.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MARTIN, James; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, Christian. Ideas and new directions. In: HALLIDAY, Michael; WEBSTER, Jonathan (org.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2009, pp. 12-58.

MEYER, Philip. *The Vanishing Newspaper: saving journalism in the information age*. Columbia: University of Missouri Press, 2004.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva lingüística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n. 52 (1), jan/jul. 2013, p. 127-146.

OESTERREICHER, Wulf. Lo hablado en lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipologia. In: KOTSCHI, T.; OESTERREICHER, W. y ZIMMERANN, K. (eds.) *El español hablado y la cultura oral en España y Hispanoamérica*. Madrid: Vervuert, 1996, pp. 317-340.

SEABRA, Raphael. A revolução venezuelana: chavismo e bolivarianismo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v.13, n. 2, jul/dez 2010, p. 211-220.

TAVERNIERS, Miriam. Subjecthood and the notion of instantiation. *Language Sciences*, n. 27, 2005, pp. 651-678.

URBANO, Hudinilson. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, Dino (org.) *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, pp. 19-55.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Delta*, 25 (1), 2009, p. 99-129.

WHITE, Peter. Valoração — a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 4, n. esp., 2004, pp. 178-205.

ABSTRACT: Reader's letters are a genre that promotes a space for public debate in the media, consolidating the effect of democracy aimed by the press while also measuring the response of the consumer-citizen in regard to the institution agenda, approaches and perspectives. In *Folha de S. Paulo*, this "public arena" allows the confrontation of stances towards a diversity of themes that characterize contemporary reality. The aim of this article is to show how the resources from the Appraisal System (MARTIN AND WHITE, 2005), with special attention to the options connected to the *attitude* and the *engagement* subsystems, contribute in bringing about polemicity between the several authorial voices, thus construing a cohesive network of perspectives in relation to the passing of the former Venezuelan president Hugo Chávez, in March, 2013. The approach, which derives from a systemic functional perspective (HALLIDAY AND MATTHIESSEN, 2004) of language applied to discourse analysis (MATTHIESSEN, 2012), enabled to distinguish three major authorial stances — the *exaltative*, the *critical* and the *tactical*—, characterized by different patterns in the selection of *affect*, *judgement* and *appreciation* resources, on the one hand, and *dialogic contraction* and *expansion* resources, on the other hand, besides particular associations, in the metaphorical level, between the Chavez's physical body and his values/ideologies, either emphasizing their segregation, or highlighting their syncretism.

KEYWORDS: Appraisal. Polemicity. Readers' letters. Hugo Chávez. Systemic Functional Linguistics.

Envio: Maio/2014

Aceito para publicação: Maio/2014